



UFAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES (ICHCA)

CURSO DE JORNALISMO

RELATÓRIO TÉCNICO
DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

O ÚLTIMO TRIBUTO: UM LIVRO-REPORTAGEM SOBRE AS HOMENAGENS ÀS
VIDAS CEIFADAS PELA COVID-19

NOME DA ORIENTADORA:

Mercia Pimentel

NOME DA ALUNA:

Jaqueline Martins dos Santos Pereira

MACEIÓ-AL

2023

JAQUELINE MARTINS DOS SANTOS PEREIRA

**O ÚLTIMO TRIBUTO: UM LIVRO-REPORTAGEM SOBRE AS HOMENAGENS ÀS
VIDAS CEIFADAS PELA COVID-19**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Jornalismo da Universidade Federal de
Alagoas (UFAL/AL) – Campus A. C. Simões,
como requisito parcial para obtenção de diploma.

Orientador(a): Prof. Mercia Pimentel

MACEIÓ-AL
2023

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

P436u Pereira, Jaqueline Martins dos Santos.

O último tributo : um livro-reportagem sobre as homenagens às vidas ceifadas pela covid-19 / Jaqueline Martins dos Santos Pereira. – 2023.
32 f.

Orientadora: Mercia Sylvianne Rodrigues Pimentel.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo) –
Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas,
Comunicação e Artes. Maceió, 2023.
Inclui material adicional.

Bibliografia: f. 17.
Apêndices: f. 18-32.

1. Livro-reportagem. 2. Memória social. 3. Projeto de extensão. 4.
Homenagem. I. Título.

CDU: 070

Folha de Aprovação

JAQUELINE MARTINS DOS SANTOS PEREIRA

O ÚLTIMO TRIBUTO: UM LIVRO-REPORTAGEM SOBRE AS HOMENAGENS ÀS VIDAS CEIFADAS PELA COVID-19

Relatório Técnico submetido ao corpo docente da Universidade Federal de Alagoas, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Banca Examinadora:

Orientadora: Dra. Mercia Sylvianne Rodrigues Pimentel
(Universidade Federal de Alagoas)

Examinadora: Dra. Magnólia Rejane Andrade dos Santos
(Universidade Federal de Alagoas)

Examinadora: Dra. Lidia Maria Marinho da Pureza Ramires
(Universidade Federal de Alagoas)

*Dedico este trabalho a todos que
contribuíram com minha formação
acadêmica. Em especial, para a
minha família. Aos colegas de turma
que fizeram parte dessa trajetória na
UFAL, a todos os professores que
contribuíram para a construção da
minha formação, e aos integrantes do
Projeto Memoráveis que
caminharam junto comigo em busca
da sensibilização sobre as mortes de
Covid-19 em Alagoas.*

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos são genuínos e dedicados a todos que contribuíram para a minha formação em jornalismo. Agradeço aos meus pais, Josielma e Pedro, por me apoiarem no desejo de me mudar de cidade para me tornar jornalista. A todos que ficaram ao meu lado durante todas as escolhas que me fizeram chegar até aqui: Marianne Martins, Márcio Sobral, Janielma Martins, Marcelo Magalhães, Joana Marques e Maria José. Agradeço também à minha orientadora Prof. Mercia Pimentel que incentivou a elaboração desse projeto e mostrou os melhores caminhos até a sua conclusão.

RESUMO

Este relatório é resultado da criação de um livro-reportagem sobre o Memoráveis Alagoas, projeto de extensão do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas idealizado para homenagear pessoas que morreram em decorrência da Covid-19. O livro-reportagem é a construção de um produto jornalístico sobre a trajetória do projeto e o alcance conquistado durante a atuação de dois anos no estado de Alagoas. Como referencial teórico foram utilizadas obras que versam sobre o fazer jornalístico e o universo do livro-reportagem, como as de Oliveira e Bernd (2021), Oliveira (2017), Lage (2013), Tschichold (2007) e Lima (1993). Os estudos aqui apresentados também guiaram a metodologia utilizada para a elaboração do produto, composta pelas etapas de planejamento, realização de entrevistas, redação, edição, projeto gráfico, diagramação e revisão do livro. Diante disso, a ideia da obra partiu da necessidade de difundir as ações, organização e contribuição do projeto de extensão para a comunidade e estudantes de jornalismo, além de continuar o trabalho de sensibilização da divulgação das vítimas da doença no estado.

Palavras-chave: Covid-19; Homenagens; Memória Social; Projeto de extensão.

ABSTRACT

This report is the result of the creation of a bookreport on the Memorables Alagoas, journalism course Project of the Federal University of Alagoas designed to honor people who died as a result of Covid-19. The book-report is the construction of a journalistic product on the trajectory of the scope achieved during the two year performance in state of Alagoas. As a theoretical reference, we used works that deal with journalistic making and the universe of the book-reportage, such as those of Oliveira and Bernd (2021), Oliveira (2017), Lage (2013), Tschichold (2007) e Lima (1993). The studies presented here also guided the methodology used for the preparation of the product composed of the stages of planning, conducting interviews, writing, editing, graphic design, diagramming and book review. Therefore, the idea of the work started from the need to disseminate the actions, organization and contribution of the extension Project to the Community and journalism students, in addition to continuing the work of raising awareness of the dissemination of victims of the disease in the state.

KEY WORDS: Covid-19; Tributes; Social memory; Extension project.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 8 |
| 2 OBJETIVOS | 9 |
| 2.1 Objetivo geral..... | 9 |
| 2.1 Objetivos específicos..... | 9 |
| 3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA..... | 10 |
| 4 PROCESSO DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DO TRABALHO..... | 13 |
| 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO..... | 15 |
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 16 |
| REFERÊNCIAS..... | 17 |
| APÊNDICE A | 18 |
| APÊNDICE B..... | 22 |
| APÊNDICE C..... | 32 |

INTRODUÇÃO

O livro-reportagem é um produto jornalístico que pode ser materializado na forma impressa ou digital. O seu processo de construção envolve mais do que o desenvolvimento da escrita, sendo necessários outros elementos para as etapas de pré e pós-produção como a escolha do tema, entrevistas e fontes para consulta.

A escolha desse produto para composição do Trabalho de Conclusão de Curso foi pautada pelo valor social fundamental exercido pelo livro-reportagem, seja no papel de informar ou na preservação da memória de uma comunidade.

Para isso, foi escolhido como tema o Memoráveis Alagoas, projeto de extensão da Universidade Federal de Alagoas. O projeto surgiu em 2020 com a união de professores, estudantes de jornalismo e profissionais de comunicação para prestar homenagens às pessoas que se foram em decorrência da Covid-19 no estado de Alagoas.

Durante o período de dois anos, o Memoráveis Alagoas conseguiu desenvolver uma estrutura funcional de redação online e com a execução de trabalhos à distância atuou na apuração, entrevistas e redação de textos, além da produção de imagens e vídeos para as plataformas de mídias sociais. O projeto trabalhou em parceria com o Memorial Inumeráveis e seu alcance representou uma forma de acalento em um momento de tristeza e dor para dezenas de famílias alagoanas.

Diante desse cenário, o livro-reportagem “O Último Tributo” mostra um panorama de toda a atuação do Memoráveis Alagoas e expõe a relevância das ações do projeto durante a pandemia, ao utilizar o jornalismo humanizado para contar histórias e conservar a memória das vítimas da Covid-19 do estado.

O “Último Tributo” foi produzido através da realização de pesquisas e entrevistas com os envolvidos no projeto, além de contar com a visão de profissionais da saúde que trabalharam durante o período pandêmico. Assim, neste relatório técnico, serão descritos todos os passos de produção jornalística do livro-reportagem, desde a concepção do tema à etapa final de diagramação.

OBJETIVOS

Objetivo geral:

Apresentar as ações do projeto de extensão Memoráveis Alagoas para homenagear as pessoas que morreram em razão da Covid-19 por meio da elaboração de um livro-reportagem.

Objetivos específicos:

- Conhecer as histórias apresentadas pelo projeto;
- Fazer um recorte sobre a atuação técnica do Memoráveis durante a pandemia e sobre os processos para a formação de uma redação virtual;
- Mostrar a relevância do projeto para a comunidade e estudantes de jornalismo em processo de formação;
- Apresentar a utilização do jornalismo como meio para a preservação da memória social.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

É incontestável o papel do jornalismo para a construção e preservação da memória social. Aliada à literatura, a produção jornalística consegue materializar momentos importantes da história para além dos fatos e tornar a informação atraente e acessível para mais pessoas. Apesar das duas áreas carregarem objetivos distintos, ambas conseguem carregar elementos específicos da outra e se complementarem.

Diante disso, o jornalismo literário representa uma interseção dos elementos jornalísticos com a liberdade de uma narrativa sob a criatividade e ponto de vista do seu autor. É possível afirmar que as semelhanças entre jornalismo e literatura começam pelo compartilhamento do seu instrumento de trabalho, a palavra, e resultam em um importante papel social.

A literatura e o jornalismo trazem como ponto em comum, que permite a comparação entre os dois gêneros, a representação social do meio em que estão inseridos. Por meio da manifestação textual, é possível descrever uma época ou uma localidade, comportamentos, costumes e linguagens. (OLIVEIRA; BERND, 2021, p. 2).

É a partir da longevidade da escrita e a sua conservação em diferentes fases da história da humanidade que percebemos a relevância do jornalismo literário para a construção da memória social. Apesar da liberdade criativa advinda da literatura, é importante destacar a necessidade do cuidado na forma como é feito o registro da memória, que ultrapassa o simples fato de registrar ou divulgar fatos do passado. Por caracterizar um produto, existem objetivos que ultrapassam a intenção da memória apenas como um dever, carregando também consequências futuras (LAGE, 2013). Por isso, a transmissão da memória deve ser executada com responsabilidade no jornalismo.

No âmbito do jornalismo literário, existe o livro-reportagem, formato que contempla a reportagem como a base da sua estrutura. Para descrever o texto jornalístico com técnicas literárias também são utilizadas outras expressões, como *nonfiction*, *journalism nonfiction* ou *new journalism* (OLIVEIRA, 2017).

Para além da sua definição, o livro-reportagem possui como principal característica a veracidade do seu conteúdo e a diversidade de temas que é possível alcançar para a sua produção. Sobre os objetivos do livro-reportagem, Lima (2009) destaca:

Se cabe ao jornalismo informar e orientar, cabe ao seu subsistema, o livro-reportagem, informar e orientar com profundidade, transformando-se este último papel num instrumento complementar e extensor dessa função declarada, individualizadora do jornalismo. (LIMA, 2009, p. 49).

O processo de construção do livro-reportagem consiste em diversas etapas, entre as principais está o planejamento, etapa de pré-produção que engloba a escolha do tema, seleção de fontes, agendamento das entrevistas, escolha do estilo textual, tamanho do livro e, por fim, o estudo e a primeira definição sobre a estética do livro. A partir dessas escolhas, inicia-se a etapa de produção com a realização das entrevistas e elaboração do texto.

Para a realização das entrevistas, processo fundamental para a construção de um livro-reportagem, recomenda-se que também exista um planejamento, desde a escolha das fontes à edição final das perguntas. Conforme Floresta e Braslauskas (2009), a pesquisa sobre o entrevistado é um denominador comum em toda boa entrevista. Assim, além de ser responsável pela apuração do assunto, a pesquisa também irá nortear a seleção das perguntas e, conseqüentemente, o conteúdo da reportagem.

Outro ponto relevante é a escolha do formato da entrevista, o formato das perguntas e forma de abordagem também serão distintas caso a entrevista seja realizada de forma presencial, videoconferência, por e-mail, mensagens ou ligação. Apesar da recente normalização das entrevistas à distância, cada meio necessita de um formato específico de perguntas para haver entendimento durante o processo, principalmente quando a entrevista for realizada de forma online.

O processo de escrita do livro-reportagem é construído com base nas escolhas do estilo, da estrutura do livro e do seu público-alvo. Por se tratar de um produto jornalístico, também deve-se considerar os objetivos da produção e os elementos literários que serão importantes para o campo de criação.

Durante a produção editorial, especialmente quando o livro é elaborado na versão impressa, existe uma série de exigências para o material ficar adequado para a publicação. “Além da revisão ortográfica, usar um manual de estilo e redação pode ajudar para o texto ter coesão” (OLIVEIRA, 2017, p. 23).

Todas as etapas são seguidas para se obter um material de excelência que cumpra os objetivos definidos durante o seu planejamento. É importante destacar que elas podem ser ajustadas em todos os momentos, assim como a adição de novos elementos pode ser considerada ao longo da produção.

Os caminhos editoriais até a publicação são comuns a qualquer tipo de obra, mas cada uma delas tem suas especificidades. Logo, o livro-reportagem também apresenta características típicas que as editoras, os leitores e a própria reportagem exigem que estejam configuradas nas páginas desse produto impresso ou digital de não ficção. (OLIVEIRA, 2017, p. 20).

Diante disso, a diagramação do livro é executada seguindo as diretrizes definidas no projeto gráfico e contempla a materialização da tipografia, imagens, elementos e as dimensões escolhidas para o livro.

PROCESSO DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DO TRABALHO

O processo de produção do livro-reportagem *O último tributo* foi dividido em cinco etapas: planejamento, realização das entrevistas, redação e revisão de conteúdo, diagramação e edição. Na etapa de planejamento, as primeiras escolhas foram o tema do livro, o estilo do texto e o formato.

O tema escolhido para o livro-reportagem foi o projeto de extensão Memoráveis Alagoas, decisão que partiu da sua relevância para a comunidade, através da sua atuação nas homenagens para as vítimas da Covid-19 no estado. Outro fator relevante para a escolha do tema foi o desenvolvimento do projeto dentro do curso de jornalismo da Universidade Federal de Alagoas, característica que demonstra como a extensão possui um papel transformador para a formação de novos profissionais.

Considerando a importância e densidade do tema, o estilo textual escolhido foi a utilização de uma linguagem simples e concisa, baseada nos elementos da crônica e do novo jornalismo, para dar mais leveza ao texto. Além disso, o formato adotado para o livro foi o digital, visando ampliar a sua circulação entre os leitores.

Para as entrevistas, foram selecionadas fontes de vários atores envolvidos no projeto de extensão, como os idealizadores, integrantes do projeto e familiares dos homenageados, além de profissionais da saúde que atuaram no período pandêmico. No total, foram realizadas 11 entrevistas, nos formatos presencial e online.

As entrevistas caracterizaram a base do livro, que buscou como foco mostrar a atuação do projeto sob a visão dos seus integrantes, público-alvo e especialistas. Outro elemento importante para a construção do livro foi a pesquisa e leitura das produções executadas pelo Memoráveis Alagoas durante a sua atuação.

O próximo passo foi a construção das pautas para a estruturação dos capítulos e redação do texto. Como o foco de cada capítulo foi definido no planejamento, essa etapa contou com poucas alterações ao longo da produção. Além disso, as epígrafes utilizadas para a abertura dos capítulos foram escolhidas conforme o tema de cada seção.

Na diagramação, executada com o auxílio da ferramenta Canva Design, foram materializadas as ideias definidas no planejamento e definidos margens, posicionamento dos títulos, capítulos e subcapítulos. Devido o tema abordar o luto de famílias que perderam seus

familiares durante a pandemia, a paleta de cores foi escolhida para transmitir, simultaneamente, leveza e sobriedade e conceder apoio ao corpo do texto.

Para a confecção da capa, foram usadas como destaque as fotos das pessoas que tiveram as suas histórias contadas pelo projeto. Para essa utilização, todas as imagens foram autorizadas pelos familiares e responsáveis por meio de um Termo de Consentimento de Uso de Imagem.

De modo geral, todas as etapas seguiram o planejamento inicial, apenas na fase de entrevistas surgiram alguns imprevistos e mudanças de fontes, devido à disponibilidade dos entrevistados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em uma breve analogia, a experiência de produzir um livro-reportagem pode ser comparada com uma confecção de roupas: desenhamos o projeto, escolhemos os melhores tecidos (fontes) para a sua estrutura, para então podemos costurar cada detalhe (palavra). Ao final, quando colocamos a primeira versão no manequim, ainda restam alguns ajustes para fazer e uma longa revisão de todos os elementos para ter o melhor caimento.

Conforme Tschichold (2007, p. 31) “Um designer de livros deve ser um servidor leal e fiel da palavra impressa. É a sua tarefa criar um modo de apresentação cuja forma não ofusque o conteúdo e nem seja indulgente com ele”. Assim, um livro-reportagem, apesar das imagens constituírem um acessório importante e funcionarem como “provas” do que está sendo exposto, a palavra continua sendo a protagonista. Desse modo, o texto deve estar sempre em destaque e trazer na sua estrutura os elementos necessários para a compreensão do leitor.

Abordar o tema Memoráveis Alagoas e falar sobre as pessoas que se foram em decorrência da Covid-19 foi uma ação importante para a divulgação do projeto e o seu intuito de humanizar a exposição dessas pessoas. Dentro desse contexto, o livro conseguiu abarcar a relevância de falarmos sobre a morte dessas pessoas de forma gentil e honrosa, sem resumi-las às estatísticas das perdas para a doença durante a pandemia.

O produto final conta com 4 capítulos: Não somos números; Pessoas escrevem sobre pessoas; O luto exige gentileza e A vida contada em prosa e verso, compondo o total de 48 páginas. O livro foi produzido durante o período de seis meses e ao final foi possível compreender qual foi o papel desempenhado pelo projeto e como ele impactou na vida de dezenas de famílias alagoanas. Ademais, no capítulo *Pessoas escrevem sobre pessoas* temos a visão dos integrantes do Memoráveis sobre as experiências vivenciadas na extensão.

Como elementos pós-textuais foram inseridos os links para todos os textos produzidos pelo Memoráveis Alagoas e os *QR Codes* com o endereço para as redes sociais do projeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mortes representaram uma crescente durante a pandemia de Covid-19 e a fragilidade da vida ficou em evidência através das milhares de mortes registradas diariamente. Diante desse cenário, a imprensa assumiu o papel de divulgar o boletim epidemiológico diário e inúmeras famílias viram os seus entes queridos invisibilizados por trás de números e estatísticas.

Com essa prática, as ações para homenagear as vítimas da doença cresceram no país e despertaram iniciativas que utilizaram o jornalismo humanizado para homenagear as pessoas que morreram de forma inesperada durante esse período. Entre esses projetos estão o Memorial Inumeráveis e o Memoráveis Alagoas.

As ações do Memoráveis Alagoas, projeto de extensão da Universidade Federal de Alagoas, foi o tema escolhido para a realização do livro-reportagem *O Último Tributo*, um produto jornalístico que realizou um panorama sobre as realizações do projeto e sua contribuição para preservação da memória das pessoas que se foram em decorrência da covid-19.

Ao final da produção, foi possível experienciar todas as fases da produção de um livro-reportagem e identificar os desafios advindos da prática jornalística para levar conhecimento, conectar pessoas e contar histórias, além de informar e viabilizar o acesso do público ao material produzido.

Por fim, é importante destacar a percepção de que o jornalismo literário compõe um importante papel na construção da memória social e concede ao jornalista a possibilidade de executar o seu trabalho com sensibilidade e humanização, elementos essenciais em tempos desafiadores para a sociedade.

REFERÊNCIAS

FLORESTA, Cleide; BRASLAUSKAS, Lúgia. **Técnicas de Reportagem e Entrevista em Jornalismo: roteiro para uma boa apuração**. São Paulo: Saraiva, 2009.

LAGE, Leandro. Jornalismo e o dever de memória. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 9., 2013, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Rede Alcar, 2013.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4.ed. São Paulo: Manole, 2009.

OLIVEIRA, Adriana Seibert; BERND, Zilá. Livro-reportagem: um produto cultural a serviço da memória: uma análise da obra *Uma Questão de Justiça* da jornalista canadense Isabel Vincent. **Interfaces Brasil/Canadá**. Florianópolis/Pelotas/São Paulo, v. 21, p. 1-25, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/interfaces/article/view/21478>. Acesso em 10 de jan.2023.

OLIVEIRA, Israel Dias de. **Elementos do livro-reportagem: conceitos básicos do processo editorial para estudantes de jornalismo e jornalistas independentes**. São Paulo: Editora Casa Flutuante, 2017.

TSCHICHOLD, Jan. **A forma do livro: ensaios sobre tipografia e estética do livro**. Editora Ateliê Editorial, 2007.

VILARDO, Beatriz Ostwald Luz. O livro-reportagem no contexto do jornalismo e o correspondente internacional como jornalista-autor. **Revista Miguel**, Rio de Janeiro, n°02, p. 55-71, 2020. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/48591/48591.PDF>. Acesso em 06 de janeiro de 2023.

APÊNDICE A – PAUTAS UTILIZADAS PARA A PRODUÇÃO DO LIVRO

Pauta - Capítulo 1

| | |
|-----------------|---|
| Produtor | Jaqueline Martins |
| Título | Não somos números |
| Epígrafe | Não há quem goste de ser número, gente merece existir em prosa. (Edson Pavoni) |
| Foco | Apresentar introdução sobre o projeto e o cenário no qual ele foi desenvolvido |
| Dados | <p>O projeto de extensão Memoráveis Alagoas possui 2 anos de atuação e foi desenvolvido dentro do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas. Em parceria com o Inumeráveis (memorial online para registro de homenagens das vítimas de todo o Brasil), o projeto já produziu mais de 70 histórias de pessoas que foram a óbito em decorrência da Covid-19 no estado.</p> <p>Os relatos produzidos por profissionais da área de comunicação e estudantes de jornalismo são registrados em diversos formatos: texto, áudio, imagem e vídeo. Além disso, todos os materiais são publicados nas plataformas digitais do projeto.</p> |
| Fontes | Adilson Santos, médico que atuou na linha de frente da pandemia de Covid-19; Rogério Zé, coordenador de relacionamento do Memorial Inumeráveis; Mercia Pimentel, professora do curso de Jornalismo da Ufal e coordenadora do projeto de extensão Memoráveis; |
| Imagens | <ul style="list-style-type: none"> • Fotos dos entrevistados para as citações; • Fotos dos homenageados para abertura do capítulo; |

Pauta - Capítulo 2

| | |
|-----------------|--|
| Produtor | Jaqueline Martins |
| Título | Pessoas escrevem sobre pessoas |
| Epígrafe | me.mo.ri.al s.m. 1. relato de memórias. 2. obra concernente a fatos ou indivíduos memoráveis; memórias (Dicionário Oxford Languages) |
| Foco | Apresentar a estrutura (grupos de trabalho) e atuação dos integrantes do projeto durante o período pandêmico |
| Dados | <p>O projeto de extensão foi dividido em 5 grupos de trabalho, são eles: apuração e entrevista, redação, divulgação, audiovisual e podcast. A partir dessa estrutura, estudantes de jornalismo, jornalistas e relações públicas realizaram homenagens às vítimas de covid-19, através da produção e divulgação das suas histórias.</p> <p>Desde o início, o objetivo do Memoráveis foi humanizar a divulgação das mortes na pandemia e trazer um pouco de alívio aos familiares das vítimas.</p> |
| Fontes | <p>Kamilla Abelly, estudante de jornalismo e integrante do grupo de redação do Memoráveis;</p> <p>Lucas Carvalho, estudante de jornalismo e integrante do grupo de audiovisual do Memoráveis;</p> <p>Darlanny Ribeiro, Jornalista e integrante do grupo de divulgação do Memoráveis;</p> <p>Lília Ferreira, Jornalista e integrante do grupo de apuração do Memoráveis;</p> <p>Eduardo, estudante de jornalismo e integrante do grupo de podcast do Memoráveis;</p> |
| Imagens | Fotos dos integrantes do projeto; |

Pauta - Capítulo 3

| | |
|-----------------|--|
| Produtor | Jaqueline Martins |
| Título | O luto exige gentileza |
| Epígrafe | O poder da palavra escrita é terapêutico, conforta o espírito. (Inoema Nunes) |
| Foco | Falar sobre os desafios dos familiares que perderam seus entes queridos durante a pandemia |
| Dados | <p>Juliano Élcio Fiori de Oliveira (39) e Rui Agostinho Campos (72) foram duas vítimas fatais da covid-19 em Alagoas. A história deles se tornaram homenagens produzidas pelo Memoráveis Alagoas.</p> <p>As homenagens tiveram um papel central na fase de luto dos familiares e, por isso, é importante ter a visão dessas pessoas sobre o assunto e, também, sobre os desafios de enfrentar a perda tão repentina dos seus entes queridos.</p> |
| Fontes | <p>Renata Estevam, psicóloga;</p> <p>Eliene, consultora de saúde e viúva de Juliano Fiori;</p> <p>Margarete Malaquias, professora que perdeu três irmãos em decorrência da Covid-19.</p> |
| Imagens | <ul style="list-style-type: none"> • Fotos de Juliano Fiori; • Fotos de Linaldo e Mônica Malaquias. |

Pauta - Capítulo 4

| | |
|-----------------|--|
| Produtor | Jaqueline Martins |
| Título | A vida contada em prosa e verso |
| Epígrafe | Aqueles que passam por nós não vão sós, não nos deixam sós. Deixam um pouco de sí, levam um pouco de nós. (Antoine de Saint-Exupéry) |
| Foco | Seleção das histórias que foram produzidas pelo projeto Memoráveis Alagoas |
| Dados | Consultar banco de textos do projeto e site do inumeráveis: inumeraveis.com.br |
| Fontes | Banco de textos do projeto; |
| Imagens | <ul style="list-style-type: none">• Fotos Rui Agostinho;• Fotos Hélio Jugurta;• Fotos Maria Cícera;• Fotos Paulo Casado;• Fotos Raquel Coelho;• Fotos Dalva Coelho; |

APÊNDICE B - ENTREVISTAS

Entrevista com Adilson da Silva

Adilson José da Silva – médico especialista em medicina da família e comunidade e residente de pneumologia.

1. Você trabalhou durante a pandemia? Em quais hospitais?

Dr. Adilson da Silva- Sim, no Chama (complexo hospitalar Manoel André), no hospital de campanha e numa unidade básica de saúde. Todos em Arapiraca.

2. Como foi para você lidar com tantas mortes em tão pouco tempo e em meio ao surto da doença?

Dr. Adilson da Silva - No início foi muito difícil, pois tínhamos pouca ou nenhuma evidência sobre possíveis medidas terapêuticas. Ficamos mergulhados no caos de muitas incertezas, tratando sintomas e complicações, além de uma monitorização intensa do paciente que nos trazia a história natural de uma doença que nos surpreendia a todo momento. Lidar com a morte e enfrentá-la é algo que parece corriqueiro na profissão médica, mas em quantidade tão alta em tão pouco tempo foi desolador. Tentamos controlar muitas variáveis, até que, em algum momento, perdíamos, em muitas situações fomos vencidos, a dor e o medo traziam uma resultante, para muitos, inexorável.

3. Como a formação em medicina preparou você para uma situação como essa?

Dr. Adilson da Silva - Somos preparados para situações de urgência e emergência em tempo e espaço controlados. Salvo em relatos históricos e de ficção, vivemos uma situação sem precedentes para mim e muitos profissionais de saúde, por mais preparo que tivéssemos, nada pode ser comparado aos impactos de se vivenciar uma pandemia.

4. Como foi contar para as pessoas sobre a morte de seus familiares?

Dr. Adilson da Silva - Difícil, negar a última despedida é realmente cruel, aumenta o sofrimento. Foi mais uma variável que tínhamos que lidar.

O sentimento foi de frustração, negação de tudo que eu acreditava. A sensação foi de derrota, eu fui vencido, humilhado. Não consegui salvar e proteger a pessoa mais importante da minha vida. Eu falhei.

5. Qual foi a situação que você considerou mais difícil durante esse período?

Dr. Adilson da Silva - A morte da minha mãe, Maria do Socorro, em decorrência da covid-19.

Entrevista com Lília Ferreira

Lília Ferreira - Jornalista e Relações Públicas integrante do projeto de extensão Memoráveis Alagoas.

1. Durante a sua carreira como jornalista, você já tinha se deparado com uma situação tão trágica quanto à pandemia de Covid-19?

Lília Ferreira - Acredito que a pandemia da Covid-19 foi a pior situação enfrentada por todos nos últimos tempos. Enquanto profissional, não foi diferente. Mesmo tendo que atuar com o levantamento de informações, foi e sempre será muito difícil noticiar a perda de entes, o caos no sistema de saúde e a irresponsabilidade governamental, a qual se fez incrédula com a gravidade da situação.

2. Como foi sua atuação no projeto Memoráveis? Em quais áreas do projeto você atuou?

Lília Ferreira - Minha atuação partiu da convocação da professora Mercia Pimentel e da vontade de fazer algo mais dentro do momento em que estávamos vivenciando. Em meio à pandemia e às ações de enfrentamento à Covid-19, o isolamento social e a sensação de impotência me despertaram a contribuir, ainda que virtualmente, com o acolhimento aos familiares que perderam seus entes em decorrência do novo coronavírus. Inicialmente, assumi o Grupo de Apuração (GT1), o qual realizou o levantamento de nomes das vítimas e de contatos de familiares para que apresentássemos o projeto e oferecemos o espaço para homenagem àqueles que partiram. Também participei do GT responsável por escrever as histórias dos memoráveis, o cerne do projeto. Por fim, assumi o gerenciamento da rede social Twitter, a qual reproduz os posts publicados nas outras redes do Projeto.

3. Teve algum momento emocionante no projeto que você gostaria de compartilhar?

Lília Ferreira - Sim. Vários momentos me marcaram, mas um em especial. Um dos textos que escrevi narrou a história de vida do pai de um amigo querido. Nesse caso, fiquei responsável tanto pela apuração, quanto pela entrevista dos filhos, responsáveis por contarem quem foi o pai deles enquanto esteve por aqui. O que mais me emocionou foi o fato de que, apesar da dor da perda, eles viram no projeto uma forma de tornar viva a memória e a história daquele homem, juntamente com as recordações de momentos, vivências, partilhas.

4. Qual foi a situação mais difícil durante a sua participação no projeto?

Lília Ferreira - Um fato difícil foi ter que fazer a apuração da perda de três entes de uma mesma família em menos de dois meses. Abordar o familiar e ouvi-lo foi imensamente dolorido. Ele perdeu a mãe, o avô e um tio. Confesso que relutei em realizar essa abordagem, mas ao final foi uma das mais belas homenagens do projeto Memoráveis Alagoas.

Entrevista com Renata Estevam

Renata Estevam - psicóloga clínica (CRP: 15/4953)

1. Cada pessoa lida com a perda de alguém querido de forma distinta ou existe algum processo em comum durante o luto?

Renata Estevam - O luto é um processo natural e por isso ele tem faces que são comuns a todas as pessoas, como por exemplo, os 5 estágios do luto, descritos pela psiquiatra Kübler-Ross e já conhecidos pela maioria das pessoas, que são eles: Negação e isolamento; Raiva ou revolta; Barganha; Depressão e por fim aceitação.

Esses estágios são fases pelas quais a maioria das pessoas enlutadas irão passar, no entanto, não existe uma ordem estabelecida do que vem primeiro, assim como também, pode-se oscilar entre um estágio e outro até que o luto seja então elaborado. Também não é possível definir o tempo exato para elaboração desse luto, cada pessoa vai ter seu próprio tempo, por isso em sua maior parte esse processo é individual e varia de pessoa para pessoa, podendo sofrer influência da forma como a perda aconteceu, da proximidade com a pessoa que morreu, da religião, da cultura, das crenças que cada pessoa carrega sobre morte e de como a pessoa lida com seus próprios sentimentos.

Sendo assim, mesmo tendo faces comuns, o “como a pessoa vai lidar” com o luto é muito particular.

2. Durante a pandemia de covid-19, foram negados a despedida e o contato com pessoas infectadas pelo vírus. Além disso, alguns rituais de passagem praticados por algumas religiões também foram proibidos. Como essas situações afetam a vivência do luto?

Renata Estevam - A partir do momento em que é negado ao paciente e ao familiar esse contato e essa despedida, a morte acontece fisicamente em um tempo, na maioria dos casos de forma inesperada e abrupta, porém o tempo para ser processada socialmente e emocionalmente por quem ficou, é outro. Diferentemente de casos de mortes por outras

doenças, por exemplo, em que existe um tempo e a possibilidade de começar a elaboração do luto antes mesmo do óbito.

Quanto aos rituais de passagem, esses são meios de concretizar a despedida, um espaço onde a pessoa é liberada socialmente para expressar sua dor e se sentir confortada pelos seus familiares e amigos junto ao corpo do seu ente querido. Sem dúvidas a falta destes, sejam religiosos ou não, afetam significativamente a elaboração do luto, fazendo com que as pessoas que perderam seus entes queridos tenham mais dificuldade para organizar mentalmente essa perda, e sintam essa falta da concretização do adeus por um período longo, ou até mesmo, por toda sua vida.

Até o momento o que percebo na minha prática clínica quanto a essa falta, é a maior intensidade da negação dos enlutados, visto que não foi possível ver o corpo sem vida, o último contato com a pessoa que se foi, aconteceu através de uma tela e ela ainda respirava, mesmo que de forma artificial. Então fica mais difícil para o enlutado, substituir essa imagem, apenas pela palavra do médico, pelo laudo ou pelo caixão fechado. Isso faz com que a pessoa resista a aceitar a morte, tenha constantes sonhos com o retorno da pessoa que morreu como se tivesse havido um engano, também aparece o pensamento de que poderia ter feito algo e impedido o óbito se estivesse presente. O que gera muita angústia, sensação de impotência e alerta constante, prejudicando o sono, as atividades diárias, qualidade de vida e a ressignificação da perda.

3. Quais são as formas que pessoas externas à situação podem ajudar pessoas enlutadas?

Renata Estevam - Não existe um manual do que fazer, justamente porque cada pessoa vai vivenciar o luto de forma individual, por isso a regra clara é, respeitar o tempo e a forma da pessoa lhe dar e sentir a perda.

E esse respeito pode ser oferecido de algumas formas, como por exemplo: Não comparar a dor de uma pessoa com a de outra; Não impor sua opinião sobre como a pessoa deve se sentir; Não forçar a pessoa enlutada a se desfazer dos objetos pessoais do seu ente querido; Não se desfazer desses objetos sem a permissão da pessoa; Oferecer uma escuta empática e verdadeira, sem julgamento, para que a pessoa possa falar sobre seu ente querido quantas

vezes quiser e se quiser; Disponibilizar companhia pra resolver alguma questão burocrática ou apenas estar perto e principalmente, na dúvida do que falar, ficar calado, pois uma palavra mal expressada, mesmo que na melhor intenção, pode machucar mais a pessoa que já está em sofrimento.

4. A pandemia resultou também em um sofrimento coletivo, como esse sentimento pode ser explicado?

Renata Estevam - Com a pandemia, tivemos muitas perdas, principalmente do nosso mundo presumido ou do achávamos que tínhamos controle. De uma hora pra outra, as certezas foram transformadas em impotência e medo, por nós e pelos que amamos. Fomos intimados a mudar nossos estilos de vida, de trabalho, de estudos, de afetos, e lhe dar diariamente com números crescentes de infectados e mortos pelo vírus, além das crescentes questões políticas e sociais, tudo ao mesmo tempo e sem tempo para nos prepararmos.

Diante desse cenário, o sofrimento mesmo que particular a cada pessoa na forma de sentir, passou a ser experienciado por todos, coletivamente, isso se justifica a partir do ponto de vista de que todos tivemos perdas, todos perdemos a vida que tínhamos antes da pandemia e fomos obrigados a nos adaptar ao que a condição de pandemia nos ofertava, com mais perdas (próximas ou não) e com a sensação de ameaça constante e invisível do vírus e seus efeitos desconhecidos, que nos gerou um estado de alerta e desencadeou condições mentais desafiadoras.

5. Como funciona o acompanhamento psicológico para pessoas em processo de luto?

Renata Estevam - É importante enfatizar que nem todas as pessoas vão precisar passar por um acompanhamento psicológico durante o luto, algumas conseguem e preferem passar por esse momento sozinhas ou com o suporte da família e amigos.

Geralmente os pacientes que recebi com essa demanda, não procuraram terapia inicialmente pelo luto, mas sim, pelos sintomas físicos e prejuízos que isto acarreta na vida deles, como por exemplo, crises de ansiedade e pânico, depressão, estresse pós-traumático,

dificuldade para estar em ambientes mais aglomerados, dificuldade para voltar a rotina sem a presença da pessoa que se foi.

Diante disso, o principal objetivo da terapia é o de inicialmente oferecer ao paciente ferramentas para lidar com esses sintomas e assim aliviar o nível de prejuízo na vida dele, assim como também, promover um espaço onde ele possa falar abertamente sobre seus sentimentos, pensamentos, revoltas, questionamentos, e poder assim, elaborar a sua perda.

Assim como também, entender o como esses sintomas ou transtornos tem ligação com o luto e com a forma em que a morte aconteceu, realizar o que chamamos de psicoeducação sobre as fases do luto, afim de que ele possa entender que está vivenciando um processo natural e separar o que é o esperado do que é patológico, e por fim auxiliá-lo a se adaptar e se reorganizar para viver uma nova vida, ressignificando a falta que sente.

Entrevista com Lucas Carvalho

Lucas Carvalho – estudante de jornalismo e integrante do projeto de extensão Memoráveis Alagoas

1. Como foi sua atuação no projeto memoráveis? Qual foi o grupo de trabalho e as experiências que você vivenciou?

Lucas Carvalho - Entrei no Memoráveis ainda no início do Projeto. Lá, atuava nos GT's 2 e 3, no 2 principalmente, com a apuração das histórias e redação dos textos tributos. No GT3 ajudei ainda no planejamento de algumas questões e no disparamento das mensagens na DM para novas histórias, além de algumas artes. Depois, como a equipe original do GT4 acabou se dissipando, assumi o trabalho também lá, e a liderança do GT.

A experiência fez muita diferença pra mim. Nos GT's 3 e 4, questões de organização, de fluxo de trabalho, de comandar essas demandas, com certeza já foram um crescimento muito bom. Mas no 2, estar com uma fonte num momento tão delicado, tratando de temas tão delicados, com certeza é um diferencial pra quem esteve participando. Conduzir essas entrevistas, respeitar os tempos dessas pessoas e saber como e o que abordar foram construções que aconteceram num diálogo constante e no experimentar ao longo das diferentes histórias que pegamos. Cada nova história, cada nova família demandava um novo olhar, uma nova sensibilidade. E isso me fez crescer muito como jornalista.

2. Qual momento no projeto você gostaria de compartilhar?

Lucas Carvalho - O que mais me marcou com certeza foi o depoimento de uma das minhas entrevistadas pro projeto. O feedback que ela deu, de como era importante o que estávamos fazendo ali, ficou na minha cabeça. Ela narrou como foi a experiência de perder a mãe para a Covid, e principalmente, de não poder lidar com essa perda da maneira convencional, por causa de todas as restrições. Com isso, o nosso trabalho, os tributos que fizemos, se

tornaram esse espaço de homenagem e luto. E ouvir isso com a gratidão com a qual ela falou, pra mim, foi muito tocante.

3. Quais foram as principais contribuições do projeto para a sua vivência profissional e pessoal? Você levará alguma bagagem desse período?

Lucas Carvalho - Definitivamente, até agora, o processo do GT4 é outro dos que me deixam mais feliz em estar no projeto, e que faz uma diferença enorme pra mim. É um espaço de trabalho com o qual eu não tinha tido oportunidade de me desenvolver antes, que é o audiovisual. O que eu fiz e aprendi aqui, e as pessoas com as quais pude trabalhar me deixam muito feliz. Mas esse processo com certeza não foi simples. A parte técnica foi minha oportunidade de aprimorar e colocar em prática, mas a parte de organização dessas demandas sempre foi um desafio, pelas ocupações das diferentes pessoas do grupo. Essa é uma questão forte no GT4 desde a formação original. Hoje, com a nova equipe e os novos horários de aula de todos, depois da volta do presencial principalmente, minaram muito mais do que tínhamos construído para fazer o trabalho funcionar. Estamos tentando achar novas soluções, e para mim, é um desafio muito grande conciliar tudo com as minhas outras demandas e priorizar o projeto como eu gostaria de priorizar. Questões de concepção, captação e edição demandam tempo, e principalmente atenção.

APÊNDICE C - MODELO DO TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, **NOME RESPONSÁVEL**, inscrito (a) no CPF/MF sob n. _____, autorizo o uso das imagens de **NOME HOMENAGEADO**, registradas por meio de fotografia, para fins de divulgação acadêmica a título exclusivo e gratuito e por período indeterminado, por **JAQUELINE MARTINS DOS SANTOS PEREIRA**, pessoa física inscrita no CPF _____, com endereço na Rua _____, CEP _____, na Cidade de _____, ora produtora e divulgadora do conteúdo no livro-reportagem elaborado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas.

Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos à imagem **GRAU DE PARENTESCO** para esse fim.

Cidade, estado e data da assinatura.

Assinatura do responsável